



O triste fim dum híbrida lei

Quando na fachada da república se ostentavam, ainda húmidas da linta, as frases mais prometedoras da propaganda dos comícios, o dr. Brito Camacho, primeiro ministro do fomento, com o ar magnânimo de quem faz uma grande dádiva, publicou uma lei sobre greves, regulamentando-a. A essa lei chamou, com sarcástica ironia, a legalização do direito à greve.

O dr. Brito Camacho zombou, friamente, das classes operárias, ainda nesse tempo um pouco iludidas sobre as intenções dos homens que deitaram abaixo a monarquia. Não foi o direito à greve que ele decretou, mas sim a abolição pura e simples dessa espontânea e irreprimível arma de protesto das classes trabalhadoras. Segundo essa famosa lei, nenhum operário poderia declarar-se em greve sem avisar dessa sua intenção os patrões, com uma antecedência de oito dias. Tal medida, se fosse posta em prática, tornaria impossíveis quaisquer das greves ou convertê-las-hia em irremediáveis derrotas, o que vinha a dar na mesma coisa.

E' claro que nunca um operário abandonou o trabalho dentro das prescrições do decreto, nem tampouco nenhum grevista foi perseguido ou preso por desobediência.

A lei do dr. Brito Camacho era híbrida e, portanto, condenada a ter o valor dum simples pedaço de papel impresso que a ninguém provocava uma platônica curiosidade.

Após a revolução, o governo aboliu o direito à greve. Contra o que muitas pessoas de excelente boafé supunham, esse decreto não nos causou a menor indignação. Deixou-nos indiferentes, visto que, nada trazendo de bom, também nada contém suscetível de prejuízo aos operários.

O decreto aboliu a lei do dr. Brito Camacho, mas como essa lei abolia as greves, a situação em nada se modificou. E' que importava a lei se ela nunca conseguisse ter a menor importância? E' claro que nada se lucrou também com a sua anulação.

Ninguém é obrigado a trabalhar para outrem. Se aluga os seus braços é voluntariamente que o faz. Isto é assim, em teoria, está bem de ver, desde que a escravidão foi abolida. E' claro que a realidade desmente a teoria, pois que os detentores das riquezas naturais e dos instrumentos de trabalho coagem os operários, pela necessidade imperiosa de subsistirem, a aceitarem condições de trabalho altamente prejudiciais e vexatórios.

Nenhum patrão pode forçar legalmente os seus operários a permanecerem ao seu serviço, desde que estes resolvam o contrário. Esta voluntariedade, que não foi abolida, nem aqui nem em nenhum país civilizado, nem mesmo em certas regiões africanas, permite ao operário abandonar o trabalho. E o que é a greve se não o abandono do trabalho e, portanto, o caso dum decreto que a lei agora aboliu do dr. Brito Camacho nem sequer beliscou?

Porque abandona um operário o trabalho? Fá-lo quase sempre por não lhe convirem as condições que o patrão lhe impõe. E' inevitável que ele procure fazer com que o patrão se torne menos feroz na sua exploração e se sirva do abandono do trabalho como uma arma para fazer vingar as suas reivindicações. Essa arma tem o nome de greve.

Não está nem nunca poderá estar inscrita em nenhum código, mas existe no coração de todos os explorados, no coração de toda a humanidade. Duraré até que a exploração do homem pelo homem mancha indelével das civilizações modernas e odiosa revivescência das escravidões antigas, desapareça da face da terra. Quando as sociedades humanas se libertarem de todas as opressões, as greves deixarão de existir. Hoje, infelizmente, é cedo para as abolir.

São estas considerações que neste momento nos acodem, perante um decreto em que o legislador está de acordo com o que é tão difícil destruir as realidades sociais como mudar o curso dum rio da foz para a nascente.

ASSINEM OS mistérios do Povo

A GUERRA NO ORIENTE

As potências do Ocidente sem probabilidades de triunfo

Na actual situação do Extremo Oriente, porventura, desviada a ameaça de um conflito guerra, como alguns dizem, provavelmente, sem o acreditarem?

Para responder a esta grave pergunta, examinemos os diversos factores que influem pró e contra a solução guerra.

Vejamos, em primeiro lugar, as influências que tendem para a guerra das armas:

São elas, do lado britânico: a lentidão da inteligência britânica para se adaptar a novas condições; a tendência geral da política britânica, vincada pelo cunho do conservadorismo e da reacção mais intensos; o ódio dos dirigentes capitalistas à Revolução Russa e a tóda a revolução de tendências socialistas; o receio de que a perda do prestígio britânico, desencadeia perturbações e a revolta na Índia na Birmânia, nos Setentos (1). A estes motivos, forçosos é juntar ainda dois outros factores que são, certamente, os que têm mais influência: os interesses dos industriais cuja indústria floresce em tempo de guerra (metalúrgica, produtos químicos, especialmente); os dos armadores, por causa dos transportes; e, enfim, os dos banqueiros e capitalistas exportadores de capitais.

A indústria pesada em Inglaterra encontra-se em marasmo, como o estava em 1913 e nos primeiros meses de 1914.

A firma Vickers, da direcção do milionário internacional Basílio Zaharoff, não deu, supomos, dividindo em 1926. A firma Armstrong fez concordata com os seus credores. Numa palavra, há uma crise intensa entre os centros metalúrgicos ingleses (Birmingham, Sheffield, Glasgow para construção de navios de guerra, etc.)

Não esqueçamos de que Sir Austen Chamberlain, ministro dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra, é natural de Birmingham, onde tem fartos interesses.

Uma guerra seria a salvação para estes capitalistas, assim como para os fabricantes de explosivos, gases, aviões, etc.; e, ainda, para os exportadores de capitais, fundadores de manufaturas no Extremo Oriente.

Se a República Cantonense triunfar, os salários chineses subirão ao mesmo nível que os salários ingleses; e, nesse caso, será a ruína das indústrias criadas na China e, por consequência, dos capitalistas exportadores. E' preciso impedir, custe o que custar.

Tais são, em poucas palavras, os factores de guerra do lado dos ingleses.

A política subtil e oportuna da República Soviética

Há também vários factores por parte dos chineses. São:

a) A vontade muita certa e muito firme do Kuo-Ming-Tang de fazer uma China a indivisível e de estabelecer em toda a China uma República que trate de igual para igual com todas as potências do Ocidente.

b) A influência da extrema esquerda comunista do Kuo-Ming-Tang e do Kuo-Min, que tem por objectivo uma revolução social não sómente na China, mas, também, na Índia, na Indo-China, nas Indias Nortelandes, etc.;

c) A influência da U. R. S. S. que visa a abater o capitalismo inglês que é a chave da abóbada do capitalismo mundial.

Na realidade, a U. R. S. S. tem um enorme interesse na guerra. Tem, como fim, a destruição do capitalismo no mundo; e, como meio, a revolução em toda a parte. Ora, ela sabe, e não o oculta, porque alguns dos seus dirigentes o disseram, que só uma guerra pode desencadear a revolução em certos países. Conforme o declarou recentemente um dos seus comissários, uma guerra traria fatalmente a criação de várias repúblicas soviéticas-socialistas.

Dois outros factores actuam ainda no governo bolchevique para o levar a uma política de guerra; são eles: a boycott que o capitalismo ocidental exerce a seu respeito e a situação económico-política interior que disso resulta.

Esta situação é bastante penosa sob o ponto de vista económico, e isto reflecte-se sobre a opinião pública na sua maneira de encarar o governo.

Uma guerra defensiva-e é sómido dar esta apariência às guerras mais ofensivas, como o prova o que se passou em França, na Rússia, na Grã-Bretanha em 1914-unificaria totalmente a Rússia para resistir aos ataques capitalistas. O governo bolchevique atribui-se-ia uma popularidade, se é certo que a perdeu, como dizem e o murmuram os seus inimigos.

A influência da U. R. S. S., sobre o Kuo-Ming-Tang deve, pois, actuar realmente no sentido da guerra, quaisquer que possam ser as aparições da política, porque uma guerra da Grã-Bretanha contra a China revolucionária, depressa abrassaria o mundo europeu.

Uma análise atenta aos vários factores da paz

Vejamos, agora, os factores pacíficos. Do lado inglês, encontramos: 1º - a influência dos alio-gódeos, visto que a guerra representaria para eles o completo encerramento do mercado chinês; e, qualquer que fosse o resultado da guerra, certamente, o mercado continuaria fechado para eles; 2º - a influência dos Domínios Sul-Africanos, do Canadá e da Austrália, que declararam que se desinteressariam da questão chinesa. O Labour-Party do Commonwealth (2) australiano começou mesmo uma campanha contra a guerra com a China e prevenir que os trabalhadores se recuassem a carregar, para os exércitos, fôsse que barco fosse. A isto é preciso ajustar a oposição, fraca embora, dos liberais na própria Inglaterra, a oposição forte das

(1) Espécies de postos, feitorias estabelecidas pelos ingleses nas concessões. Os franceses chiam-nas "concessões".
(2) A Austrália deslocou-se a Austrália Oriental, Austrália Meridional e território do Novo-Gales do Sul. Todas estas colônias federaram-se em 1922 para fundarem um Estado comum, administrando-se livremente sob a soberania da Inglaterra. E' o chamado Commonwealth. Labour-Party, e o Partido Comunista.

massas trabalhadoras mais ainda que a dos seus leaders parlamentares; e a oposição fortíssima da extrema esquerda trabalhista e do pequeno grupo comunista.

A estes factores de paz, devidos à própria situação do Império Britânico, adiciona-se a atitude pacífica do Japão, da América e da França. Disto resulta que a Inglaterra tem de operar sózinha. Para assim não acontecer, seria preciso que quaisquer incidentes, como assassinatos de americanos e de japoneses, por exemplo, obrigassem os governos americano e japonês a intervir contra os chineses. Sem dúvida, estes factos dar-se-ão: vai nisso o interesse da Inglaterra. Pelo que respeita à França é mais fácil o entendimento para uma ação comum: basta que a Inglaterra se ponha ao lado da França no conflito franco-alemão suscitado e mantido permanentemente pelos nacionalistas alemães e franceses; e, então, a França apoiaria a Inglaterra no Extremo-Oriente—simples troca de serviços que dará, de resto, excelentes interesses aos capitalistas da indústria pesada em França e a fermentação democrática e socialista-comunista que se agita em seu seio.

E depois? Pois bem, o comércio inglês encontrará-se perante um boycott geral e a indústria inglesa teria de suportar greves incessantes.

Vistas bem as coisas, parece-me que o próprio Ocidente com o Japão é absolutamente impotente diante da China em revolta. Não a pode atingir senão no litoral; e isso mesmo, apenas momentaneamente. De resto, o Japão não marchará com o Ocidente capitalista, por vários motivos: seus interesses económicos, sua situação política interior; a fermentação democrática e socialista-comunista que se agita em seu seio.

E depois, a guerra da Inglaterra contra o Kuo-Ming-Tang transformaria este em Campeão do Nacionismo chinês e faria que se realizasse a frente unica chinesa contra os estrangeiros. Já podemos descrever o seu prólogo: a sua proclamação é destruição da sua estrutura social.

As potências do Ocidente sem probabilidades de triunfo

nas; amontoar-se-iam cadáveres sobre cadáveres.

E depois? Pois bem, o comércio inglês encontrará-se perante um boycott geral e a indústria inglesa teria de suportar greves incessantes.

Vistas bem as coisas, parece-me que o próprio Ocidente com o Japão é absolutamente impotente diante da China em revolta. Não a pode atingir senão no litoral; e isso mesmo, apenas momentaneamente. De resto, o Japão não marchará com o Ocidente capitalista, por vários motivos: seus interesses económicos, sua situação política interior; a fermentação democrática e socialista-comunista que se agita em seu seio.

E depois, a guerra da Inglaterra contra o Kuo-Ming-Tang transformaria este em Campeão do Nacionismo chinês e faria que se realizasse a frente unica chinesa contra os estrangeiros. Já podemos descrever o seu prólogo: a sua proclamação é destruição da sua estrutura social.

As potências do Ocidente sem probabilidades de triunfo

nas; amontoar-se-iam cadáveres sobre cadáveres.

E depois? Pois bem, o comércio inglês encontrará-se perante um boycott geral e a indústria inglesa teria de suportar greves incessantes.

Vistas bem as coisas, parece-me que o próprio Ocidente com o Japão é absolutamente impotente diante da China em revolta. Não a pode atingir senão no litoral; e isso mesmo, apenas momentaneamente. De resto, o Japão não marchará com o Ocidente capitalista, por vários motivos: seus interesses económicos, sua situação política interior; a fermentação democrática e socialista-comunista que se agita em seu seio.

E depois, a guerra da Inglaterra contra o Kuo-Ming-Tang transformaria este em Campeão do Nacionismo chinês e faria que se realizasse a frente unica chinesa contra os estrangeiros. Já podemos descrever o seu prólogo: a sua proclamação é destruição da sua estrutura social.

As potências do Ocidente sem probabilidades de triunfo

nas; amontoar-se-iam cadáveres sobre cadáveres.

E depois? Pois bem, o comércio inglês encontrará-se perante um boycott geral e a indústria inglesa teria de suportar greves incessantes.

Vistas bem as coisas, parece-me que o próprio Ocidente com o Japão é absolutamente impotente diante da China em revolta. Não a pode atingir senão no litoral; e isso mesmo, apenas momentaneamente. De resto, o Japão não marchará com o Ocidente capitalista, por vários motivos: seus interesses económicos, sua situação política interior; a fermentação democrática e socialista-comunista que se agita em seu seio.

E depois, a guerra da Inglaterra contra o Kuo-Ming-Tang transformaria este em Campeão do Nacionismo chinês e faria que se realizasse a frente unica chinesa contra os estrangeiros. Já podemos descrever o seu prólogo: a sua proclamação é destruição da sua estrutura social.

As potências do Ocidente sem probabilidades de triunfo

nas; amontoar-se-iam cadáveres sobre cadáveres.

E depois? Pois bem, o comércio inglês encontrará-se perante um boycott geral e a indústria inglesa teria de suportar greves incessantes.

Vistas bem as coisas, parece-me que o próprio Ocidente com o Japão é absolutamente impotente diante da China em revolta. Não a pode atingir senão no litoral; e isso mesmo, apenas momentaneamente. De resto, o Japão não marchará com o Ocidente capitalista, por vários motivos: seus interesses económicos, sua situação política interior; a fermentação democrática e socialista-comunista que se agita em seu seio.

E depois, a guerra da Inglaterra contra o Kuo-Ming-Tang transformaria este em Campeão do Nacionismo chinês e faria que se realizasse a frente unica chinesa contra os estrangeiros. Já podemos descrever o seu prólogo: a sua proclamação é destruição da sua estrutura social.

As potências do Ocidente sem probabilidades de triunfo

nas; amontoar-se-iam cadáveres sobre cadáveres.

E depois? Pois bem, o comércio inglês encontrará-se perante um boycott geral e a indústria inglesa teria de suportar greves incessantes.

Vistas bem as coisas, parece-me que o próprio Ocidente com o Japão é absolutamente impotente diante da China em revolta. Não a pode atingir senão no litoral; e isso mesmo, apenas momentaneamente. De resto, o Japão não marchará com o Ocidente capitalista, por vários motivos: seus interesses económicos, sua situação política interior; a fermentação democrática e socialista-comunista que se agita em seu seio.

E depois, a guerra da Inglaterra contra o Kuo-Ming-Tang transformaria este em Campeão do Nacionismo chinês e faria que se realizasse a frente unica chinesa contra os estrangeiros. Já podemos descrever o seu prólogo: a sua proclamação é destruição da sua estrutura social.

As potências do Ocidente sem probabilidades de triunfo

nas; amontoar-se-iam cadáveres sobre cadáveres.

E depois? Pois bem, o comércio inglês encontrará-se perante um boycott geral e a indústria inglesa teria de suportar greves incessantes.

Vistas bem as coisas, parece-me que o próprio Ocidente com o Japão é absolutamente impotente diante da China em revolta. Não a pode atingir senão no litoral; e isso mesmo, apenas momentaneamente. De resto, o Japão não marchará com o Ocidente capitalista, por vários motivos: seus interesses económicos, sua situação política interior; a fermentação democrática e socialista-comunista que se agita em seu seio.

E depois, a guerra da Inglaterra contra o Kuo-Ming-Tang transformaria este em Campeão do Nacionismo chinês e faria que se realizasse a frente unica chinesa contra os estrangeiros. Já podemos descrever o seu prólogo: a sua proclamação é destruição da sua estrutura social.

As potências do Ocidente sem probabilidades de triunfo

nas; amontoar-se-iam cadáveres sobre

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, trens para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as províncias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Estrada do Combro, 38-A, 2.

Milhares de curas



SE DEVEM AO HERPETOL

Unicremédio eficaz para as doenças de PELE

Esta criança foi torturada por uma forte constipação. Depois de ter usado várias pomadas e outros ingredientes que os pais conseguiram, resolvem consultar o médico, o qual recebeu um frasco de HERPETOL.

E' recomendado em todos os casos de eczema, hirsuto e seco, manchas, erupções, espessas e bordas de inchaço.

A' venda em todas as farmácias e R. da Prata, 237, Lisboa, e na R. das Flores, 135, Porto.

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo, 50

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofrano, 50

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva, 1950

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar, 1900

A Humanidade, por Taraf Javal, 1950

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin, 2000

Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchof, 2000

Chapelaria A SOCIE

Cooperativa dos Operários Chapeleiros. Grande sortimento em chapéus, lisos e mesmos em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda e FLAMÃO

Chapéu mole, novo modelo americano muito elegante, só na A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1º

— ESTABELECIMENTOS —

Sede: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 4-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 52

FÁBRICA DE BONETS — Chapéu modelo Jaurás (Exclusivo)

— Abaixo o ditador! — Fora da lei o insolente! —

Viva a Constituição! — Morramos no nosso pôsto! —

Viva a República!

O general Bonaparte, dominando a sua emoção,

levantou a cabeça com ar alto, parecendo com um gesto de comando exigir a palavra; ia a penetrar na sala, seguido dos seus ajudantes de campo, quando muitos representantes se lhe puseram na frente, intimando-a que se retirasse; o cidadão Destrem exclamou indignado:

— General tu venceste estrangeiros para te julgares agora com o direito de insultar a representação nacional!

Novos gritos se fizeram ouvir:

— Viva a Constituição! — Fora da lei o ditador!

O general Bonaparte, livo e aterrado, recuou pe-

rante a reprovação unânime de que se via alvo; a sua audácia deixou de estar à altura da situação, e ele fez então um sinal a um dos seus oficiais, muitos dos quais traziam já as mãos nos copos das espadas, e saiu precipitadamente com a sua escolta.

Luciano Bonaparte, cúmplice secreto dos projectos

liberticidas do irmão, e que seguirá contrariado os di-

versos incidentes da cena anterior, parecia conser-

nado pela partida do general Bonaparte. Pouco a

pouco se restabeleceu o silêncio no meio da represen-

tação nacional.

Neste momento entrou bruscamente na sala das

sessões um capitão de granadeiros; a porta, deixada

aberta, permitia que se avistasse na parte de fora um

pelotão de soldados. O oficial dirigiu-se vivamente

para o grupo onde estava Luciano Bonaparte, violentamente interpelado pelos colegas e respondendo-lhes

com voz estridente:

— Cidadãos! soldados! eu, presidente do Conselho

dos Quinhentos, declaro que a maioria do Conselho

está neste momento aterrada, sob as ameaças de al-

gumas representantes que prometem a morte aos cole-

gas, obrigando-os assim, por esta odiosa pressão, a

votar o que quer essa meia dúzia de bandidos.

— Soldados! eu declaro que ésses audaciosos sal-

teadores, sem dúvida assalariados pela Inglaterra, se

revoltaram contra o Conselho dos Anciãos, e ouviram

falar de pôr fora da lei o general encarregado de ex-

cutar o decreto do Conselho, como se nós estivésse-

mos ainda nesses horrores tempos de terror, em

TUDO AOS MONTES



(A todos interessa)

Porto, Coimbra, Braga, Algarve, ALEN-
tejo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda,
Moçambique, Congo, Guiné, etc.

Não tem agentes a casa.

FREIRE, NEM QUERE, PREFERINDO

VENDER. DIRECTAMENTE aos fregueses pelos preços 40 000

MAIS BARATO que o que os agentes levam

e mais. FAÇAM os pedidos directos para se-

rem bem servidos e rápidos. A GRANDE FABRI-

CA é sempre a mais completa das

estabelecimentos, etc., e também esmerados

para Sports, clubes, medalhas para corridas

(artigos de Barba), Gilletes mais baratas.

Estojos de metal, canetas com maquininhas e láminas Gi-

nadas, etc. Navais de 40000 para cortar

máquinas de 4 rodas para as fábricas. Tesou-

rinhas superiores a 2000 que outros vendem a

2000 e canetas de tinta permanentes com pena de

ouro a 1000 que os outros vendem pelo dobro,

canivetes, CARIMBOS, numeradores, tintas,

etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.

A BATALHA

A AMEAÇA NEGRA

A reacção clerical está agindo, em todo o país, como em terreno conquistado

Pretende-se voltar aos tempos da Inquisição, de que se faz já ostensivamente uma apologia audaciosa e persistente. A pretexto das doutrinas cristãs, nascidas numa das mais iníquas e atiradas tribus da Síria, e incapazes, de materialização social, pois a própria igreja as deturpa denunciando-as desde recuados séculos como heréticas, desenhe-se uma ofensiva contra o progresso e contra a liberdade. Pouco nos incomodaria que houvesse quem, a pretexto da incerteza em que se vive perante certos problemas da vida, entendesse adorar uma divindade invisível, inexistente e extravagante, não misturando seu credo com as manifestações da vida social. Mas a Igreja imiscui-se em tudo, inclusivamente na nossa vida particular, tutelando-nos como se fôssemos menores ou seres atraçados pertencentes a alguma tribo de caíres ou de hotentotes, educando os nossos filhos substituindo-se aos professores, ditando ao nosso coração e à nossa sensibilidade leis inexoráveis e anti-humanas e ideias que seriam admissíveis para a sociedade de escravos e de labregos que escutou, maravilhada e estarecida, as incoerentes e invraisíveis predicas de Cristo.

Inimiga do saber e do trabalho, declara que o milagre substitui e ultrapassa a ciência e o esforço humano, proclamando que a sabedoria é iníqua todo o esforço é igualmente iníquo, desde que não dimanem de Deus. Nenhuma virtude humana conta para ela. Rezar vale mais do que trabalhar ou lutar pelo bem estar do próximo. Ser freira, isto é, passar num convento uma existência inteira moendo e remoendo orações, é preferível a ser mãe, ser padres é ser-se infinitamente mais útil do que lançar à terra a semente que a fecunda e o dão o pão.

E' contra a legião de parasitas e de exploradores duma crença inde demonstrada, gerada fora do entendimento humano e deles inimiga, legião que é contrária a tudo quanto pode constituir a alegria de viver que lançamos o nosso alarme. E daqueles que continuem os braços cruzados, assistindo ao rolar da onda reacionária que ameaça avassalar a sociedade. Dentro em pouco só lhes restará o recurso de irem juntar-se à longa lista dos que a igreja, pela via for, tem ferozissimamente crucificado.

A Igreja de Roma caminha em Portugal, a passos agigantados, para a usurpação da liberdade de consciência. Os seus sequeiros não ocultam seu contentamento, que é legitimo, pois os triunfos da reacção suce-

Ecos da revolução

Regressou ontem a Lisboa o director do «Correio da Manhã»

De regresso de Paris, chegou ontem a Lisboa o dr. sr. Fernando Pizarro, director do Correio da Manhã, que por ordem do governo fôr expulso do país por ter publicado naquele matutino uma circular, cuja doutrina o ministro da Guerra considerou perigosa para a segurança da república.

O dr. Fernando Pizarro aproveitou-se de uma amnistia dada pelo governo para regressar a Lisboa, afirmando-se ontem que o orgão da causa monárquica reaparecerá brevemente, sob a direcção do dr. Fernando Pizarro.

Sob a acusação de ter entendimentos com os revoltosos a autoridade encerrou há dias o Sindicato do Pessoal de Câmaras de Navegação de Longo Curso, que mantém uma escola de instrução primária.

Ontem a autoridade foi à sede daquele organismo, procedendo ao arrolamento dos seus bens, que constam de mobiliário e documentação no valor de 25 contos, e remetendo para o governo civil tudo quanto lá encontrou.

tal medida privou da instrução dezenas de crianças que estavam matriculadas nas aulas da escola que aquele organismo mantinha, o que nos tempos que vão correndo é bastante grave.

Em liberdade

Em vista de se ter apurado nos autos que nada tiveram com o último movimento revolucionário, vão ser postos em liberdade, logo que regressem dos Açores, para onde foram a bordo do vapor Lourenço Marques, o capitão da fragata Fernandes Rêgo, 1º tenente da administração naval sr. Armando Aranha, 2º tenente de marinhas sr. Domingos Carqueja e 2º tenente da saúde naval sr. Domingos Cruz.

O novo governador civil de Coimbra

Foi destituído de comandante do batalhão de caçadores 5 por ter sido nomeado governador civil de Coimbra o major sr. Lobo da Costa, o qual aceitou o cargo.

Ante um belo gesto de solidariedade

Conforme noticiámos, o nosso preso conformado Roberto das Neves, estudante da Faculdade de Letras de Coimbra, foi posto em liberdade depois de varias diligências de alguns organismos académicos da cida de do Mondego.

Roberto das Neves, sensibilizado com a elevada manifestação de solidariedade, enviou a esses organismos, que são a Associação Académica, Associação dos Estudantes de Letras, Tuna Académica, Orfeão Académico, Centro Republicano Académico, Centro Académico da Democracia Cristã, Junta Escolar de Ação Realista, Junta Escolar do Integralismo Lusitano e Associação Cristã de Estudantes o seguinte agradecimento:

Prezado colega: «Saúde! Os telegramas em meu favor endereçados aos sr. Presidente da República e Ministros do Interior e da Justiça, subscritos por representantes de todas as correntes políticas e religiosas da Academia são uma alevantada afirmação do espírito de solidariedade que muito profundamente me sensibilizou.

Cumpre-me, aproveitando a oportunidade, fazer na letra do vosso telegrama uma aclaratoria que me é pedida: sabe que a minha prisão e a minha vindia para Lisboa não foram, como vos informou o sr. Comissário da Polícia dessa cidade, e como referem os telegramas, determinadas

Federação Portuguesa de Solidariedade a presos e perseguidos por questões Sociais

(Transcrição integral dos seus estatutos aprovados na conferência efectuada em Lisboa em 30 de Janeiro de 1927)

CAPÍTULO I

Da Federação e seus fins

Artigo 1.º É constituída em Portugal entre os Comitês Locais de Solidariedade a presos e perseguidos por questões sociais, a Federação com a designação de — Federação Portuguesa de Solidariedade a Presos e Perseguidos por Questões Sociais. A sua sede é em Lisboa.

Art. 2.º A Federação tem por fins:

a) Desenvolver uma intensa propaganda em tóda a região portuguesa no sentido de constituir Comitês Locais.

b) Subsidiar todos os presos que o tenham sido pela realização de quaisquer actos consequentes da luta social tendentes à emancipação dos trabalhadores.

c) Subsidiar todos os perseguidos que se encontram na situação da alínea anterior.

d) Estabelecer relações Internacionais com as organizações suas congêneres.

e) Promover a criação dum Internacionais de Solidariedade.

CAPÍTULO II

Do Comitê Executivo

Art. 3.º A conferência nomeia um Comitê Executivo composto por:

Um secretário administrativo, um secretário de relações internas, um secretário de relações externas, um secretário de propaganda e um secretário de informações.

a) Os membros do Comitê Executivo servem de Conferência, sendo o seu mandato revogável.

b) O Comitê Executivo reunirá uma vez por semana.

Art. 4.º São atribuições e deveres do Comitê Executivo:

a) A administração da Federação e execução das decisões das Conferências e nos casos omissos segundo referendum aos aderentes.

b) Elaborar e apresentar o mapa trimestral de receita e despesa aos aderentes.

c) Resolver todas as questões urgentes, dando contas aos aderentes.

d) Realizar todos os trabalhos de propaganda e quaisquer outros de interesse para presos e perseguidos.

e) Elaborar e apresentar à Conferência anual um mapa de receita e despesa e um relatório moral.

Art. 5.º Todos os serviços prestados pelo Comitê Executivo serão gratuitos, salvo quando esses serviços impliquem perda de vencimentos.

Art. 6.º Compete especialmente aos membros do Comitê Executivo:

a) Ao secretário administrativo:

Convocar as reuniões ordinárias e extraordinárias do Comitê Executivo, fazer todo o serviço de escrita, tais como, livraria, caixa, etc com os comitês locais e mapas financeiros.

b) Ao secretário de relações internas:

Elaborar tóda a correspondência nacional, relatórios morais e ainda outros trabalhos que lhe sejam designados pelo Comitê.

c) Ao secretário de relações externas:

Estabelecer e manter tóda a correspondência internacional e ainda outros trabalhos que lhe sejam designados pelo Comitê.

d) Ao secretário de propaganda:

Realizar tóda a obra de propaganda de acordo com o Comitê Executivo e Comitês Locais.

e) Ao secretário de informações:

Conhecer o estado dos presos em cada prisão, situação económica e moral, número de presos em cada cadeia, confecção de recibos e requisição de dinheiro ao secretário administrativo.

CAPÍTULO III

Condições de adesão

Art. 7.º Todo o Comitê local para aderir terá como condição concordar e orientar-se por estes estatutos. Esta confirmação deverá ser da assembleia geral.

Art. 8.º Cada Comitê deverá satisfazer a cotização que lhe competir conforme os estatutos.

Art. 9.º Todo o Comitê que se coloque em contradição com os fins e objectivos da Federação ou que esteja em atraço mais de 3 meses de cotização, será irradiado se deixar sem resposta o convite que lhe seja feito para pagamento ou explicações. Essa irradiação só será feita depois do «referendum» aos aderentes, tornando a sua resolução pública e esclarecendo os motivos que levaram a tal.

Art. 10.º Serão fornecidas cadernetas para apositação de selos.

Art. 11.º Serão fornecidas cadernetas para apositação de selos.

Art. 12.º O Comitê Executivo da Federação para valorização dos seus documentos usará o label que corresponderá ao modelo dos respetivos selos.

Art. 13.º Os Comitês locais poderão usar o label nos seus documentos como reconhecimento da sua adesão à Federação.

CAPÍTULO IV

Da cotização, cadernetas e label

Art. 10.º A cobrança aos Comitês será feita por meio de selos, que por sua vez os venderão aos seus filiados e não filiados pelo preço mínimo de \$50, aos filiados individuais, fixado nos presentes estatutos.

a) A cota para os organismos aderentes aos Comitês locais é voluntária.

b) Os Comitês deverão enviar mensalmente ao Comitê Executivo da Federação acompanhando a cotização a inscrição dos seus aderentes individuais e colectivos para efeitos de estatística.

c) O sistema de recibos dos Comitês locais será feito da forma seguinte: Recibo e dois talões sendo o primeiro para o organismo aderente ou individuo e o talão enviado ao Comitê Executivo, ficando o

último em seu poder.

Art. 11.º Serão fornecidas cadernetas para apositação de selos.

Art. 12.º O Comitê Executivo da Federação para valorização dos seus documentos usará o label que corresponderá ao modelo dos respetivos selos.

Art. 13.º Os Comitês locais poderão usar o label nos seus documentos como reconhecimento da sua adesão à Federação.

CAPÍTULO V

Dos fundos da Federação

Art. 14.º Os fundos da Federação são constituídos por tódas as receitas dos Comitês locais, por cotização voluntária e directa dos Sindicatos e quaisquer outros

Não há pior escravidão do que aquela que interdiz a liberdade intelectual.—ANGELO PATRI.



CRÓNICA DO ESTRANGEIRO

Os aspectos da guerra civil na Nicarágua

Um país sacudido por discórdias civis e ameaçado pelo imperialismo estrangeiro

A Nicarágua não conta mais de 600.000 habitantes. O seu exército, no tempo de paz, não excede 5.000 homens e pouco mais do dobro em caso de guerra. A sua marinha é de guerra consta apenas de uma pequena cañonaria e respectiva tripulação.

Esta república, todavia, continua agitada por uma tremenda guerra civil. De um lado, os liberais, chefiados pelo dr. Sacasa, pretendem esbulhar, que pretendem salvar a independência política do país. Do outro, os conservadores, chefiados por Adolfio Diaz, o intruso que negocia com o estrangeiro poderoso.

Entre ambos, reprimindo brutalmente os primeiros e comprando os segundos, o imperialismo norte-americano procura ganhar terreno para cortar a Nicarágua em um caleidoscopio das poderosas esquadras.

A luta é violenta. Os liberais tomam cidades e armamento, chegando a cortar a retaguarda aos conservadores. Ultimamente, os liberais ocuparam Gionotega, que conta 7000 habitantes; Tierra Azul, onde tomaram 23 metralhadoras, 600 espingardas e 700.000 cartuchos, além de caminhões e depósitos de viveres; Esquiplas, tomando 27 metralhadoras, 678 espingardas 600.000 cartuchos. O exército liberal conta actualmente 8.000 homens. Tem fornecimento para lutar um ano.

Os norte-americanos não podem suportar o triunfo dos liberais. Ao mesmo tempo que invadem a Nicarágua, emprestam dinheiro ao intruso Diaz. Um milhão de dólares foi emprestado ao mercador da pequena república. Cada soldado do exército conservador receberá dois e meio dólares, para que não haja mais deserções.

Várias notícias

A dominação francesa na Síria

PARIS, 2.—O sr. Pourot, alto comissário na Síria, expôs a comissão dos negócios estrangeiros da câmara dos deputados a situação política e financeira daquele país, comendo por afirmar que ela se encontrava normalizada, permitindo uma redução, de 40 a 20 por cento nos efectivos das tropas de ocupação. Completando as considerações do sr. Pourot, o sr. Briand disse que a política francesa na Síria tem sido sempre invicta no bem estar da população indígena, sem contudo, perder de vista os agitadores como lhe cumpre na sua qualidade de mandatário na Síria.

As tropas francesas derrotaram os rebeldes da região de Deja, infligindo-lhe grossas perdas, efectuando elevado número de prisioneiros e perseguindo os fugitivos.—(L.)

Uma conferência que fracassa

GENEBRA, 2.—Em consequência dum desacordo, a comissão preparatória da conferência do desarmamento adiou a sua decisão sobre o limite dos efectivos aéreos. A comissão abordou o exame do material de aeronáutica, deliberando que o limite atinja os dirigíveis em serviço e aqueles destinados a substitui-los.—(L.)

A frente da «influenza»

GENEBRA, 2.—Conforme o boletim apresentado pela comissão sanitária da S. D. N. a epidemia de influenza tem decrescido. Na semana finda registaram-se 224 mortes nas cidades inglesas e na anterior 258 na Síria. A epidemia da influenza começou a grassar no Irak. E' de carácter benigno.—(L.)

Filantropia burguesa

GENEBRA, 1.—O conselho de repartição internacional do trabalho inscreveu no programa da conferência internacional marítima, 1929 (mil novecentos e vinte e nove) o problema da regulamentação do dia de oitavo horas de trabalho na marinha mercante.—(L.)

Uma tragédia no mar

OIBRALTAR, 2.—O vapor inglês «Auton» que procedeu de Liverpool se dirigiu para Calcutá chocou, devido ao nevoeiro, com o navio espanhol «Jacinto» tendo morrido dezoito pessoas.—(L.)

Assim se «prega» e se foge...

BERLIM, 2.—Quatro antigos oficiais do exército imperial russo assaltaram as oficinas do jornal «Rúi», espalharam o director e o puseram-se em fuga.—(L.)

<